



Aproximação entre a reforma psiquiátrica e política de memória: investigando os acervos Museu Bisco do Rosário e Museu da Loucura

Jonas João do Nascimento¹

Doutorando (UDESC)

 <https://orcid.org/0009-0006-0920-5901>

Recebido em: 23/01/2025

Aprovado em: 21/02/2025

RESUMO

O Museu da Loucura de Barbacena (1996) e o Museu Bispo do Rosário (1989) se apresentam como museus construídos onde anteriormente eram hospitais psiquiátricos, respectivamente o Hospital Colônia de Barbacena e o Hospital Colônia Juliano Moreira. Ambos os espaços podem ser considerados patrimônios marginais ou patrimônios difíceis na medida em que foram espaços de segregação e violação aos direitos humanos ao longo de sua história. A construção desses espaços de memória está inserida dentro do contexto da consolidação da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Ambos os museus apresentam, cada um a seu modo, narrativas que se relacionam direta ou indiretamente com as concepções de saúde e psiquiatria, que por sua vez, estão na essência do movimento da Reforma Psiquiátrica. São locais com peças que remontam uma nova perspectiva acerca dos considerados “loucos” na sociedade pós-ditadura militar e conseqüentemente trazem em suas práticas museais a possibilidade de análise discursiva dos impactos das transformações

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina, doutorando do programa de pós-graduação em história, na linha linguagens e identificações. Email: nascimentojjonas@gmail.com, Bolsista PROMOP.



acarretadas pela Reforma Psiquiátrica no Brasil. O artigo tem como objetivo central identificar nas narrativas que constituem suas exposições e as escolhas de seus acervos, aproximações e afastamentos com as perspectivas da Reforma Psiquiátrica, compreendendo que a própria Reforma no Brasil é composta de ampla gama de posicionamentos e atores sociais por vezes discordantes entre si. Se faz necessário também, analisar esses espaços de museus como locais que possibilitam a amplificação dos debates atuais a respeito da saúde mental no contexto brasileiro. Enquanto patrimônios marginais, ou patrimônios difíceis, cabe questionarmos que narrativas são construídas nesses locais que possibilitam tratar da memória da Reforma Psiquiátrica para que, no presente, políticas de saúde mental sejam exercidas sem antigos estigmas e preconceitos.

PALAVRAS-CHAVE

Reforma psiquiátrica. Memória. Museus.

Introdução

O texto a seguir pretende apresentar as primeiras reflexões propostas pelo projeto de doutorado em andamento intitulado “A Reforma Psiquiátrica e políticas de memória: investigando os acervos Museu Bispo do Rosário e Museu da Loucura”. (1989 - 2001)”. O projeto objetiva investigar os discursos que perpassam dois espaços de memória vinculados à história da saúde mental no país: o Museu Bispo do Rosário e o Museu da Loucura de Barbacena. Ambos os museus foram construídos em



antigos hospitais psiquiátricos e revelam, cada um a seu modo, diferentes maneiras de lidar com a memória traumática vinculadas a esses espaços, seja em uma perspectiva de justiça histórica, como no Museu da Loucura ou ainda em uma perspectiva de valorização da subjetividade de antigos internos como no caso do artista Bispo do Rosário, como artista da chamada Arte Bruta. Nesse sentido, interessa aqui perceber como a implementação da reforma psiquiátrica no Brasil impactou na constituição desses museus e como seus discursos se relacionam direta ou indiretamente às propostas do movimento da reforma psiquiátrica, possibilitando diferentes perspectivas acerca da loucura e da psiquiatria no país.

No entanto, a partir do uso de bibliografias que tratam dos discursos que perpassam esses locais, apontamos a necessidade de perceber como os mesmos discursos podem negligenciar determinadas narrativas sobre as políticas públicas em saúde mental, seja aplicando uma lógica de afastamento temporal aos traumas sociais do período pré-reforma psiquiátrica ou ainda tornando a valorização da Arte Bruta um limite na constituição da subjetividade dos considerados “artistas loucos”.

Ao investigar a produção discursiva da memória desses locais, emergem questões do presente principalmente em relação às políticas públicas voltadas aos tratamentos em saúde mental na atualidade e as políticas de memória de populações socialmente marginalizadas. Nesse sentido, compreender os diferentes discursos que perpassam os chamados “museus da loucura”, nos instiga a pensar nas narrativas que atravessam a



atualidade e suas políticas de memória.

Reforma Psiquiátrica e transformação cultural

Em 1978 estreou o filme de Hércio Ratton, “Em nome da razão”. O chocante documentário traria uma crítica sistemática aos manicômios e casas de internação por meio das denúncias de maus tratos aos internos no hospital psiquiátrico de Barbacena. Dois anos depois seria a vez do Hospital psiquiátrico Juliano Moreira sofrer críticas contundentes por meio das denúncias realizadas no programa “Fantástico”, avaliando aquele espaço asilar como um local abandonado pelo poder público e em constante precariedade.

No final dos anos 1980 seria ainda lançado o livro “Canto dos malditos”, de Austregésilo Ribeiro – livro no qual se basearia o filme “Bicho de Sete Cabeças” (2001) – o livro conta a história do período no qual o autor, ainda jovem, esteve internado em um hospital psiquiátrico durante a década de 1970, descrevendo os tratamentos como o eletrochoque e a precária vivência dentro daquele espaço a partir de um carácter testemunhal.

Esses são alguns dos eventos que desde a década de 1970, e adentrando a década de 1980, seriam porta vozes de críticas que levariam a uma nova perspectiva em relação



aos espaços asilares e aos atendimentos psiquiátricos. Fatores internos (como as críticas e denúncias aos espaços asilares, assim como a precarização sistemática desses espaços, o início da abertura política) e externos (como o movimento de desinstitucionalização, crescimento do movimento da antipsiquiatria e os movimentos sociais criados no pós-guerra) fomentaria um sentimento de mudança que paulatinamente ressignificaria o espaço asilar e colocaria em suspeição a real necessidade desses espaços.²

Surge nesse contexto o movimento da reforma psiquiátrica no Brasil, que inicialmente no final da década de 1970 possuía como foco inicial a crítica aos espaços asilares e posteriormente (segunda metade da década de 1980) a crítica a própria instituição psiquiátrica.³ A luta do movimento da Reforma Psiquiátrica culmina na lei no 10.216/2001 (conhecida como lei da reforma psiquiátrica) prevendo o fim das internações compulsórias e o paulatino fechamento das instituições psiquiátricas. Além disso, o texto da lei também aponta uma perspectiva de mudança ao olhar os pacientes psiquiátricos a partir de uma perspectiva que compreende o conceito de saúde a partir de uma óptica de qualidade de vida e de atuação cidadã de modo a inserir esses indivíduos no convívio social.

A reforma psiquiátrica possibilitou avanços como a Lei da Reforma (10.216/2001)

² AMARANTE, P. *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FIOCRUZ, 1998.

³ Idem.



também chamada de Lei Paulo Delgado, que trouxe mudanças perceptíveis com a criação dos Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS) e a impossibilidade da internação compulsória, além de ampliarem ao público a necessidade do debate acerca do trato com a saúde mental no Brasil.

O movimento da Reforma Psiquiátrica não se limita apenas à luta por um atendimento hospitalar mais humanizado daquele que era destinado aos portadores de sofrimento mental, anterior à promulgação da lei de 2001. Pois compreende o saber psiquiátrico e a estrutura manicomial para além dos muros físicos dos hospitais, entendendo que o processo de segregação se apresenta a partir de uma ordem sistêmica inserida no *locus* social.

Nesse sentido, o processo terapêutico não se limita ao espaço asilar, mas uma mudança cultural na própria perspectiva do que se compreende enquanto “loucura” e “normalidade”. A partir dessa perspectiva a Reforma Psiquiátrica passa a abarcar uma série de experiências artísticas e culturais com foco em mudanças de paradigma acerca da loucura e do tratamento psiquiátrico. Torre (2018) ao abordar esse assunto destaca que:

No Brasil ocorre na atualidade o desenvolvimento, sem precedentes, de uma multiplicidade de experiências artísticas e culturais da Reforma Psiquiátrica, onde encontramos inúmeras experimentações como um processo de mudança da cultura manicomial produzindo um novo discurso sobre a loucura, fora dos padrões psiquiátricos convencionais e sendo parte de um movimento social de transformação do imaginário social sobre a loucura, como está em curso desde o final dos anos 70, quando nasce o movimento da reforma psiquiátrica



brasileira.⁴

O autor aponta a aproximação entre a Reforma e expressões artísticas e culturais, presente desde o início do movimento e que se estende até os dias atuais. Em meio a essas experiências artísticas surgem também os “museus da loucura”, locais de memória que por vezes são criados dentro de antigos hospitais psiquiátricos e que originalmente trazem consigo tons de denúncia das violências cometidas nesses locais.⁵

Em paralelo ao desenvolvimento cultural proveniente dos interesses da reforma, é necessário compreender o processo de ampliação da noção de patrimônio cultural⁶ que culminaria no surgimento de museus que trazem em seus discursos a preocupação com temas sensíveis, vinculados a locais com passados dolorosos por vezes relacionados à violação de direitos humanos. Tais locais aparecem com diferentes conceitos em

⁴TORRE, E. H. G. *Saúde Mental, Loucura e Diversidade Cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte-cultura da Reforma Psiquiátrica e do campo da Saúde Mental no Brasil.* / Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2018. p. 21.

⁵Borges destaca alguns desses espaços, denominados pela autora de patrimônios marginais, como o Museu da Loucura (1996), criado onde anteriormente se constituía o manicômio de Barbacena; o Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea (2001), surgido na antiga colônia Juliano Moreira; Memorial do São Pedro (2002), no Hospital São Pedro; e o Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOPE/SC) do antigo Hospital Colônia Sant’ana em Santa Catarina (BORGES, 2017).

⁶O conceito de patrimônio sofreu transformações profundas dos distintos contextos em que se estabeleceu. A expansão dos sentidos atribuídos a esse conceito democratizou o direito à memória de diferentes grupos sociais, principalmente na perspectiva pluricultural que esses espaços adquiriram logo após a década de 1980 (FONSECA, 2005).



bibliografias sobre o assunto, podendo ser concebidos enquanto patrimônios difíceis,⁷ sempre atentando para o caráter de rememoração crítica em relação a um passado opressivo.

Borges aborda esse paralelo entre o alargamento das noções de patrimônio cultural e o desenvolvimento de uma política cultural da reforma psiquiátrica,⁸ percebendo o surgimento dos chamados museus da Loucura na conexão entre esses dois movimentos.

Dessa forma, o Museu da Loucura, criado onde anteriormente se constituía o Manicômio de Barbacena e o Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea surgido na antiga colônia Juliano Moreira são exemplos de espaços de memória difíceis ou marginais, na medida em que seu espaço físico carrega memórias sensíveis. Nesse sentido, compreendendo-os enquanto espaços de rememoração vinculados a um passado de sofrimentos, cabe refletir em que medida seus discursos museais estabelecem vínculos com as noções propostas pela reforma psiquiátrica e as demandas por reparação, na medida em que são espaços de memória onde materialmente ocorreram graves denúncias de violação dos direitos humanos.

⁷ MENEGUELLO, C. Patrimônios Difíceis (Sombrios). In: CARVALHO, A.; MENEGUELLO, C. (Org.). *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

⁸ BORGES, V.; Memórias difíceis: a reforma psiquiátrica brasileira e os usos políticos de um passado doloroso. *Revista MUSEITEC - Museologia, Tecnologia e Patrimônio Cultural*, v. 10, p. 105-127, 2017.



Museu da Loucura de Barbacena: entre o turismo presente e o passado distante

O Museu da Loucura de Barbacena pode ser considerado o mais famoso “museu da loucura”. Fundado em 1996 dentro das dependências do antigo manicômio de Barbacena, local onde eclodiram as primeiras grandes denúncias, possui em seu discurso museal um olhar a esse passado traumático. Ainda que o espaço seja utilizado em exposições artísticas, o museu tem por objetivo estabelecer o diálogo entre o passado e o presente da instituição.

Borges aponta que podemos perceber no museu “um diálogo permanente opondo transformação e permanência, compondo um jogo entre desaparecimento e reconstrução na busca por novos usos e novos significados ao modelo de psiquiatria representado pelo hospital”.⁹ Em um breve olhar sobre suas peças musealizadas é perceptível essa compreensão: peças de rouparia, instrumentos cirúrgicos entre outras diversas peças que faziam parte do cotidiano da instituição são expostas de modo a estabelecer divisão evidente entre a instituição no passado e no presente.

No texto “Memórias difíceis: Hospital Colônia de Barbacena, reforma psiquiátrica

⁹ BORGES, V.; Memórias difíceis: a reforma psiquiátrica brasileira e os usos políticos de um passado doloroso. Revista MUSEITEC - *Museologia, Tecnologia e Patrimônio Cultural*, v. 10, p. 105-127, 2017. p. 106.



brasileira e os usos políticos de um passado doloroso” Borges compreende a criação desse espaço de memória vinculado tanto na proposta de desenvolvimento de uma narrativa que colabore com os princípios da reforma psiquiátrica na medida em que possibilita uma olhar crítico ao passado doloroso vinculados ao espaço, quanto vinculado a um movimento de usos desses espaço do ponto de vista econômico, voltado ao turismo regional.

No caso do Museu da Loucura, a proposta de criação de um espaço museal procurava tornar Barbacena uma cidade turística, contando com o apoio da Prefeitura. A iniciativa estava inserida no plano de revitalização cultural da cidade, intitulado “Projeto Memória Viva”, o qual intencionava criar um roteiro cultural e turístico em Barbacena.¹⁰

Galletto¹¹ ao abordar o desenvolvimento turístico relacionado ao Museu da Loucura, compreende que ainda vinculado a esse espaço de memórias difíceis pode gerar um valor educacional, podendo suscitar esse passado impedindo-o de cair no esquecimento e gerando, conseqüentemente, uma conscientização dos visitantes quanto às questões do presente.

No entanto, ainda que uma crítica ao passado seja realizada por meio do uso dos objetos, fotografias e mesmo instrumentos como os aparelhos de eletrochoque, que

¹⁰ BORGES, V.; Memórias difíceis: a reforma psiquiátrica brasileira e os usos políticos de um passado doloroso. *Revista MUSEITEC - Museologia, Tecnologia e Patrimônio Cultural*, v. 10, p. 105-127, 2017 p. 113

¹¹ GALLETTO, K. C. Demolindo paradigmas da saúde mental brasileira: o Hospital Psiquiátrico de Barbacena e sua nova identidade como museu. *Revista de História Regional*, [S. l.], v. 29, 2024.



evidenciam os maus-tratos sofridos pelos internos da colônia de Barbacena, é importante nos atentarmos para como a construção do discurso museal pode estabelecer um afastamento entre as possibilidades de perceber no presente as continuidades das questões levantadas no museu.

Françoise Vergès¹² destaca em sua análise da relação entre museu e colonialidade, no livro “Decolonizando Museus: um programa de desordem absoluta” uma pernicioso e problemática questão na formulação do museu moderno: ele cristaliza um determinado passado na medida em que o expõem. Para a autora o museu, ainda que se pressuponha reflexivo e aponte temas sensíveis, observa o passado em uma perspectiva linear consolidada, ou seja, um tempo irreversível. Nessa perspectiva, o museu é um local que não precisa dialogar com o presente, pelo contrário, mesmo narrativas sensíveis e temas pertinentes são expostos como temas superados, distanciados.¹³

Essa perspectiva evidencia-se nos trabalhos de Valéria Bergamini ao tratar dos

¹² VERGÈS, Françoise. *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. São Paulo: UBU Editora, 2023.

¹³ Impossível não estabelecermos relação com Beber Bevernage em “História, memória e violência estatal”. A partir de três casos de memórias difíceis no terceiro mundo (as mães da Plaza de Maio, na Argentina, o apartheid na África do Sul e o caso de Serra Leoa), nos apresenta uma interessante questão acerca da historiografia europeia e sua temporalidade em relação aos processos terceiro mundistas. Segundo o autor a visão de um tempo retilíneo e encadeado, vazio e homogêneo perceptível na temporalidade europeia, afasta o passado e o presente de modo que o passado se torna ausente. Pressupõe assim o autor a necessidade de repensar nossa relação com tempo para estabelecer um campo real de justiça histórica no presente, compreendendo que existem demandas reais provenientes desses passados presente na atualidade.



discursos que envolvem o museu da Loucura de Barbacena. A autora destaca o caráter múltiplo dos discursos que cercam o museu da loucura, especialmente nos jornais, fontes principais da análise de Bergamini. Ainda que não uníssonos, os múltiplos discursos evidenciam a tentativa de vincular o passado como momento distante do presente, estabelecendo na criação de “novos tempos” que solapam os debates sobre a atual conjuntura das políticas públicas de saúde no país, apontando essas questões como superadas.

A respeito dos discursos sobre o Museu da Loucura, após a Reforma Psiquiátrica, estes ora assumem a culpa pelo passado, que é absolvido, ora se referem ao passado atroz como acolhedor. Apresenta a vitória sobre o passado e a inauguração de novos tempos. Apaga o passado. Apaga o presente, tangenciado nos hospícios que ainda permanecem.¹⁴

Assim, ao buscar uma análise apurada da constituição discursiva do museu da loucura, é necessário levar em consideração não apenas o impacto da reforma psiquiátrica na constituição desse espaço, tampouco apenas o uso do turismo como meio de educação e sensibilização, mas compreender como esse espaço de memória pode estabelecer um afastamento entre o passado e o presente que dificulta perceber as demandas sociais atuais que envolvem as políticas públicas de saúde mental no país.

¹⁴ BERGAMINI, Valéria. *Bárbaras cenas: ecos do holocausto brasileiro após a reforma psiquiátrica nos discursos sobre a cidade dos loucos e das rosas*. 2019. 233 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. p. 214.



Museu Bispo do Rosário: valorização da subjetividade ou a arte como limitação do outro?

O site do Museu Bispo do Rosário apresenta a cronologia da criação do primeiro espaço de memória na colônia Juliano Moreira em 1952, ainda sob a alcunha de Egas Moniz, conhecido por ser o criador da lobotomia. Nos anos de 1980, o espaço de memória passou a ser denominado Museu Nise da Silveira, em homenagem às contribuições da psiquiatria às mudanças terapêuticas e humanitárias destinadas aos portadores de sofrimento mental. Em 1989 o museu ganha o nome de Museu Bispo do Rosário em homenagem ao interno Arthur Bispo do Rosário que viria a desenvolver uma produção de aproximadamente 1000 peças de arte que atualmente estão expostas no local e são reconhecidas mundialmente.

O Museu Bispo do Rosário se encontra dentro de um espaço de um antigo hospital psiquiátrico, a Colônia Juliano Moreira. Desativada de forma completa recentemente (2022) a colônia surge na década de 1924 com pretensões de servir aos interesses de higienismo e afastamento social bastante presente nas políticas públicas do início do século XX.¹⁵ Ao longo de sua história, o local foi palco de inúmeras internações e

¹⁵ BORGES, V. *Do esquecimento ao tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário*. 232 f. Tese (Doutorado) - Ufrgs, Porto Alegre, 2010.



denúncias de maus tratos a pacientes psiquiátricos.

Durante o movimento da reforma psiquiátrica, a partir dos anos 1970, o Hospital passou a ser duramente criticado e, a partir desse movimento, e da luta dos movimentos antimanicomiais, paulatinamente desativados. Em meio a esse contexto de transformação, uma reportagem do fantástico nos anos 1980, que tinha como foco a denúncia desses espaços asilares, apresenta um personagem intrigante: um interno que produzia peças com materiais encontrados na própria instituição na qual estava preso. Seu nome era Arthur Bispo do Rosário e entre as suas peças, mantos e bordados traziam frases de sua vida pessoal e também invocavam elementos de sua religiosidade, essas invocações possuíam um objetivo bastante evidente para ele: eram inventário em miniatura para serem apresentados no fim do mundo. Bispo se via como um profeta e suas obras eram expressões de sua fé.

Apesar da reportagem do Fantástico, apenas nos anos 1990 bispo voltaria a aparecer na grande mídia, agora não mais como interno, mas como artista. Suas peças foram expostas bienais e partir desse momento Bispo passa pouco a pouco a ser considerado um dos maiores artistas contemporâneos do Brasil. Em 1994 o acervo de obras de Bispo do Rosário é tombado a nível regional (INEPAC), levando em consideração o valor artístico e cultural das suas obras. No ano de 2018 suas peças são tombadas no livro de Belas Artes do IPHAN, e Bispo com o passar do tempo passa a ser



reconhecido como um dos maiores artistas brutos do país.¹⁶

É importante destacar a relação da constituição do museu do bispo com a noção de cidadania e autonomia, sendo também parte integrante das diretrizes da reforma psiquiátrica, buscando a subjetividade e a valorização do indivíduo antes destituído de seus direitos. Essa noção se apresenta intimamente ligada à abertura política brasileira pós-ditadura e se configura como parte integrante das lutas que culminam na aprovação da lei 10.216.¹⁷ Nesse sentido, apresentar as obras de Bispo do Rosário parte também de valorizar, as produções desse indivíduo para além dos estereótipos vinculados à loucura.

No entanto, a noção de arte bruta, perpassa determinados debates que colocam em suspeição essa própria noção de cidadania e autonomia, na medida em que apresenta

¹⁶ Ressaltasse que anterior as produções de Bispo a Colônia Juliano Moreira já havia sido patrimonializada em duas esferas e em dois sentidos do tombamentos diferentes: em 1938 é tombada a Igreja Nossa Senhora dos Remédios e o núcleo histórico Rodrigues Caldas, a nível nacional com justificativa pelo seu valor arquitetônico. Em 1983 é tombado a nível estadual, pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (INEPAC), por sua paisagem para além das edificações, em um lógica bastante vinculada às mudanças nos sentidos da patrimonialização a nível internacional. Nesse mesmo ano, ainda é tombado pelo INEPAC o morro dois irmãos, dentro da tipologia dos patrimônios paisagísticos. É importante destacar que em nenhum dos processos de tombamento a justificativa dá-se pelo fato de tratar-se de um patrimônio considerado de memórias difíceis.

¹⁷ A noção de saúde é percebida a partir da reforma enquanto direito legítimo do sujeito e que se processa por toda a extensão da vida individual e coletiva, relaciona-se diretamente à própria noção de cidadania. A compreensão da saúde passa a ter os olhos voltados a uma perspectiva mais ampla. A perspectiva da cidadania estará intimamente relacionada a essa nova concepção de saúde ao passo que também está intrinsecamente relacionada à abertura política pós-ditadura. Sobre esse tópico ver: AMARANTE, P. Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FIOCRUZ, 1998.



a produção desses artistas como parte indissociável da sua condição psíquica.

A Arte Bruta é um conceito que surge a partir da crítica às noções de cultura artística europeia no início do século XX. O movimento está intimamente relacionado à figura do artista plástico Jean Dubuffet. Dubuffet debruçou-se sobre as possibilidades de trabalhos artísticos não influenciados pelos cânones e dessa forma, na percepção do artista, muito mais livres nos processos criativos.¹⁸

Próximo de artistas surrealistas como Breton, ou de inclassificáveis como Artaud, Dubuffet buscava no empirismo e no subconsciente os impulsos criativos mais “puros”. Dessa forma, passou a coletar nos hospitais psiquiátricos peças de pacientes que julgava fugir da lógica artística limitada pela academia e pelos parâmetros sociais.¹⁹ Assim surgiu na Suíça o Museu de Lausanne de Arte Bruta, sendo um espaço para salvaguarda de diversas peças de Arte Bruta na Europa muitas das quais produzidas por pacientes psiquiátricos.²⁰

¹⁸ COSTA, T. A. A Arte Bruta de Jean Dubuffet. *Palíndromo*, v. 11, n. 25, p. 115–130, 1 set. 2019.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ Dos trabalhos que cercam a relação entre arte e psiquiatria ou psicologia, encontram-se diversos trabalhos que tratam sobre as abordagens terapêuticas, principalmente a partir das experiências empreendidas por Nise da Silveira. No entanto, apesar de aproximações, a arteterapia não se enquadra no conceito de Arte Bruta, visto que a Arte Bruta não possui um caráter terapêutico e direcionado ao bem-estar do paciente. Na proposta de Dubuffet a Arte Bruta é um fenômeno de produção de arte de pessoas apartadas da sociedade e da academia e sua produção não possui um objetivo específico. Sobre esse tópico ver: COSTA, T. A. A Arte Bruta de Jean Dubuffet. *Palíndromo*, v. 11, n. 25, p. 115–130, 1 set. 2019.



Dessa forma, a aproximação entre a arte bruta e os hospitais psiquiátricos existe desde o início de sua fundamentação. Continuamente, em casos como o Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea, somos apresentados a peças de pacientes considerados “loucos” ao mesmo tempo em que “artistas brutos geniais”. No site oficial do Museu Bispo do Rosário encontramos o seguinte trecho:

Arthur Bispo do Rosario, que carregava todos os estigmas de marginalização social ainda vigentes em nossa sociedade – negro, pobre, louco, asilado em um manicômio – **consegue, na sua genialidade, subverter a lógica excludente propondo, a partir da sua obra, a resignificação do universo, para ser reunido e apresentado no dia do juízo final.** Sua missão chegou ao fim aos 80 anos, no dia 5 julho de 1989, dia da sua morte.²¹

O trecho destaca a genialidade de Bispo do Rosário em meio ao contexto excludente no qual estava inserido. Mas dado a sua permanente prisão naquele espaço, o fato de suas obras permanecerem expostas ainda que contra sua vontade póstuma, e a subjetivação de Bispo enquanto artista, na medida em que se considerava um profeta e suas peças um inventário para salvar o mundo de seu fim derradeiro, em que medida a transformação de Bispo do Rosário em Artista solapa os traumas e sofrimentos, vivência e desejos pessoais, desse indivíduo?

Riviera no artigo “Contra a Arte Bruta: sofrimento mental, segregação e arte contemporânea” (2022) aponta o caráter segregador do conceito da Arte Bruta, de modo

²¹ MUSEU BISPO DO ROSÁRIO. Site Museu Bispo do Rosário, 2025. Arthur Bispo do Rosário Vida e Obra. Disponível em: <https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>. Acesso: 27/02/2025.



que na proposta de Dubuffet, o “artista bruto” é alguém apartado da cultura, e por isso com possibilidade de atingir um outro nível artístico. Ainda nesse texto, Riviera destaca o remodelamento do conceito a partir das décadas de 1960 e 1970, sob influência da Reforma Psiquiátrica. O artigo de Riviera, se apresenta como central para as reflexões propostas no projeto, na medida em que problematiza o uso do conceito e o leva ao seu limite, compreendendo a Arte Bruta para além do caráter costumeiro encontrado em diversos artigos, ou seja, como um meio de emancipação do indivíduo internado em instituições de isolamento sem levar em consideração os limites éticos e os direcionamentos estéticos esperados dessas obras.

É nesse sentido que o artigo “O desvio do olhar” avança no sentido de compreender as alterações na própria noção de loucura que está situada dentro da estética da arte bruta.”. O autor ainda aponta outras interrogações:

Diante de tudo disso, impõe-se a nós mais algumas interrogações: no tocante à loucura, em que medida a apropriação pela cultura daquilo que se considera a não-cultura não teria, por implicação, exorcizar a potencialidade subversiva das obras? Ou ainda, até que ponto essa incorporação simbólica da arte de oprimidos (loucos e idosos), que transita dos asilos para os museus de arte, nada mais é do que a expressão de uma necessidade ideológica de afirmar publicamente que a opressão social não anula a força da criação?²²

Nesse sentido, indaga se de fato se a arte bruta é um meio de expressão “pura” do

²²FRAYZE-PEREIRA, J. A. O desvio do olhar: dos asilos aos museus de arte The deviation of the glance: from the asylums to the art museums. *Psicologia USP*, v. 10, n. 2, p. 47–58, 1999. p. 12.



indivíduo ou uma operacionalização de um estática que apresenta um conceito específico do que seria a loucura, ou ainda, a conceituação de uma arte que foge aos limites do se conceitua enquanto cultura erudita, não seria limitada pela própria lógica do que “não é cultura erudita”?

As reflexões iniciais da pesquisa se direcionam a não definir a Arte Bruta como uma aliada ou adversária dos processos de segregação dos portadores de sofrimento mental. No entanto, o que se pretende é investigar as aplicações, conceitos e práticas que cercam a Arte Bruta na sua relação com a “Loucura” e os processos de constituição discursiva de museus como o Museu Bispo do Rosário.

Questões iniciais e do tempo presente: caminhos em aberto

A partir da análise dos discursos museais dessas instituições, será possível perceber em que medida o trabalho de memória desses espaços que carregam memórias sensíveis e traumáticas está ocorrendo. Com o desenvolvimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil, diversos casos de denúncias vieram à tona e juntamente a um processo de sensibilização da situação dos internos desses lugares. Por outro lado, a reforma também propiciou um discurso de valorização da cidadania e “humanização” dos antigos internos dessas instituições, fortalecendo a compreensão de sujeito de direito.



No entanto, cabe notar como esses processos patrimoniais se relacionam, se há o favorecimento de um determinado discurso patrimonial em detrimento de outro, e mais profundamente, como o trabalho de memória ocorre em cada um desses espaços. Nesse sentido, surge a necessidade de compreender as diferentes relações que forças que se estabelecem na criação desses museus e como perpassam na constituição dos discursos museais dessas instituições.

Compreender essas políticas de memória desses espaços que serviram de confinamento forçado e maus tratos a milhares de pessoas no Brasil, se apresenta como uma questão central nos dias atuais à medida que observamos os embates sobre saúde mental e reforma psiquiátrica no Brasil. As políticas de saúde públicas voltadas a grupos neuroatípicos ainda se encontram em forte debate, de modo que a memória das denúncias suscitadas nos anos 1970 e 1980 são largamente utilizadas como recurso nas críticas às atuais decisões políticas no âmbito da saúde.

Ao longo dos últimos anos, diferentes grupos de pesquisa têm apontado retrocessos nas políticas de saúde psiquiátrica²³ que são muitas vezes evidenciados nas denúncias contra as chamadas comunidades terapêuticas. Nesses locais, diversas

²³ Retrocesso na luta contra os manicômios é criticado na CDH. Senado Notícias. 18/04/2022. último acesso em 15/04/2023. Link: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/04/18/debatedores-dizem-na-cdh-que-portaria-do-ms-e-retrocesso-na-luta-antimanicomial#:~:text=O%20corte%20de%20recursos%20da,na%20luta%20contra%20os%20manic%C3%B4mios.>



denúncias de maus tratos, e mesmo de mortes, têm se apresentado constantemente nas mídias sociais (Levy, 2019), de modo que paralelos entre esses casos e as denúncias envolvendo os manicômios no período pré-reforma parecem ser inevitáveis. Na mesma medida, durante os últimos anos, os recursos destinados às comunidades terapêuticas superaram as destinadas aos Centros de Atendimentos Psicossociais (Caps), locais criados no contexto da Reforma Psiquiátrica para o atendimento hospitalar regionalizado.²⁴

A relação entre o doloroso passado no qual diversos indivíduos sofreram em seus confinamentos nos hospitais psiquiátricos e as atuais denúncias de exploração nas comunidades terapêuticas, para além de uma comparação, se apresentam como um momento de rememoração que coloca em evidência a necessidade das políticas de memórias desses grupos marginalizados. Ao observar esses passados presentes deve-se perceber que essas políticas de memória estão relacionadas a políticas públicas que devem levar em consideração a experiência de pessoas que ainda estão vivas, no testemunho de locais que ainda funcionam enquanto instituições de isolamento.

Espaços como o Museu da Loucura de Barbacena e o Museu Bispo do Rosário podem ser considerados espaços de reflexão acerca desses temas considerados de difícil manejo. Dessa forma, esses espaços permitem a construção da memória da violação dos

²⁴ MONCAU, G. Financiamento público às Comunidades Terapêuticas crescem e põe em risco a reforma psiquiátrica. 18 de Maio de 2022. Acesso em 15/04/2023. Link: <https://www.intercept.com.br/2019/05/30/comunidades-terapeuticas-internos/>.



direitos humanos por parte da política manicomial que antecede a Reforma Psiquiátrica, servindo como espaços de “justiça histórica” ou “dever de memória”.²⁵ Retornar a esses espaços de memória para analisar suas formações de maneira comparativa inserida no contexto das transformações da reforma psiquiátrica, traz à tona um passado com demandas presentes no nosso cotidiano. No entanto devem ser observados sempre com criticidade, buscando compreender como os impactos desses diferentes discursos se apresentam diante de um presente com questões em aberto, apontando que a constituição de um museu não deve congelar um debate,

A partir dessas premissas, o projeto objetiva buscar no problema de pesquisa, responder ao questionamento: De que forma a patrimonialização do Museu da Loucura e Museu Bispo do Rosário revelam diferentes discursos provenientes da Reforma Psiquiátrica no Brasil? A partir da análise comparativa desses processos de tombamento será possível identificar diferentes abordagens patrimoniais vinculados a esses locais de trauma, em consequência torna-se possível perceber as diferentes escolhas museais realizadas em cada um dos casos e os discursos latentes em cada instituição.

²⁵ RICOUER, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.